

Visado
pela Comissão
de Censura

ECOS DA FRANQUEIRA

- AVENÇA -

Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalho — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

P.º José A. Aires

Publica-se aos Domingos

ANNUALIDADE: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

BARCELOS ANTIGO

I O POYO

(POR A. FERRAZ — EM 1909)
(Transcrição)

Proseguindo no estudo do antigo bairro do *Poyo*, diremos hoje alguma coisa sobre a etymologia do seu nome.

Dos autores que se tem occupado de Barcelos, só dois, que nos conste — Amaral Ribeiro e o abade do Louro — é que trataram d'este assunto, ainda que muito perfunctoriamente.

Diz o primeiro, na sua « *Noticia Descritiva de Barcellos*, » pag. 17 da 2.ª edição, que a denominação de *Poyo*, que este largo teve primitivamente, lhe veio talvez de uns fornos publicos que n'ele havia, e confessa desconhecer os fundamentos com que modernamente lhe chamam *Apoio*.

Quanto a etymologia, somos obrigados a dizer que discordamos em absoluto da opinião do illustrado barcelense, e isto pela razão simples de que, para que ella fosse pelo menos aceitavel, indispensavel seria que primeiro tivesse demonstrado a existencia de algum forno publico n'aquelle local, o que não fez, como lhe cumpria, perdendo assim todo o valor a sua maneira de vêr.

E haveria, como dizem, fornos publicos no largo do *Poyo*?

Não o cremos, porque até este momento nenhuns indícios temos encontrado, que possam constituir principio de prova.

Que os houve em tempos remotos e em diferentes pontos da vila, é um facto esse indiscutivel, atestado por documentos de irrefragavel antecidade.

D'entre alguns que conhecemos, citaremos apenas um — « *o Tonho velho da Gafaria de Barcellos*, » que pode ser consultado no arquivo da nossa Misericórdia.

Descrevendo alguns predios u banos pertencentes á mesma Gafaria em 1848, diz o precioso manuscrito:

«Item na dita rua (*Cima de villa*, hoje D. Antonio Barroso) outra casa de hum sobrado, que está defronte do forno, he repar, tida na logea em duas por parede até o sobrado... e parte do levante com casa de Jeronymo Gil Serrialheiro, e sae com portal na rua publico, e para o abrêgo sae com outra porta para huma saída de chão... vive n'ella Gonçalo Vaz Alfaate, que a traz emprazada, etc.»

E mais adiante:

«Item outra casa que está na rua de fundo de villa (ou *Fundevilla*, hoje a parte da rua Duque de Bragança compreendida entre a rua dos Açugues e a antiga Porta do Vale) em frentes do forno ermo que foi de Martim Ribeiro, que hé de Alvaro Pinheiro, a qual casa foi de Afonso Martin Tabellião, e hoje hé de Lopes Afonso, e parte contra levante com pardieiro de João Vaz Alfaate, e do poente parte com casa de Maria Pires, a *Forneira*, e sae com o portal na rua publico; paga de cento cada anno á dita ordem cinco soldos.»

D'outros fornos publicos ainda temos conhecimento; mas não os mencionamos; porque os dois referidos, ficando em ruas muito proximas do *Poyo*, quasi excluem a possibilidade de os haver n'este largo.

Supondo, porém, que os houvesse, perguntamos: E seria essa circunstancia motivo bastante para que áquele bairro se desse o nome de *Poyo*?

Evidentemente que não; porque entre fornos e a palavra *poyo* não há, como logo mostraremos, relação alguma.

Se o largo tivesse o nome de *Poya*, então sim; então teriamos no forno ahi existencia a etymologia provavel do seu nome, porque *poyo* ou *poia*, segundo a opinião dos nossos mais sbalizados lexicografos, significa « *pão alto* ou *bolo grande de trigo*; (prov. trasm. e beir.) bóla ou pão chato, que o dono de uma fornada dá, como retribuição, ao dono do forno onde cöse o pão.» (vid. Dic. da Liup. Port., do Snr. Candido de Figueiredo).

Da mesma opinião é Pinho Leal, acrescentando que, «ainda em muitas terras se denomina *forno da poya* aquele em que os povos cossem o seu pão, mediante o pagamento de certas *poias* na proporção da jornada. (Vid. Pnt. Ant. e Mod., vol. 6.º pag. 647).

E finalmente, Viterbo, que diz:

«Com allusão, á eminencia de um monte, se chamou *poya* o

pão mais alto e crescido, que antigamente (e hoje mesmo, mas não sem abuso) se pagava ao senhorio dos fornos, em que são obrigados a coser o seu pão os moradores do lugar...» (Vid. Elucidario).

Demonstrado como fica e nenhum fundamento da opinião de Amaral Ribeiro, resta-nos apreciar agora o que sobre o mesmo assunto diz o abade do Louro na sua « *Mémoria Hist. de Barcellos e Barcelinhos*. » E' o que faremos no proximo numero desta revista.

O D. António Ferraz fez publicar, o que acabamos de transcrever sob o pseudonimo de W. no 1.º volume de « *Barcellos—Revista* » (1909), prometendo continuar, depois de compulsar o que o Abade do Louro disse sobre o assunto, porém nada mais voltou a dizer. Suponho que não encontrou elementos para o que tinha em vista, pois da « *tremoria Historica da Vila de Barcellos e Barcelinhos*, » por Domingos Joaquim Pereira — (abade do Louro, 1867) — Capitulo XI, paginas 39 consta o seguinte:

Praças e terreiros — «A praça do *Apoio*, onde até 1827, pouco mais ou menos, n'em alpendre pequeno e tósco que tinha encostado á esquina que fronteira com a rua dos Açugues e com a da Misericórdia, Aonde está hoje uma taberna conhecida pela « *casa do Brasileiro*. » se fazia o mercado publico e diario de hortaliças, fructas e aves.

Ao lado do nascente d'esta praça e encostados ás casas, que são dos herdeiros do *Athanasio*, ainda em nossos dias, haviam uns assentos de pedra, que foram demolidos por aquele Athanasio, quando reedificou aquella sua casa. Diz a tradição, que aqueles assentos pertenciam á casa fronteira dos *Carmônas*, que antigamente gosavam do privilegio de que, porém, perseguido ou procurado pela justiça, se assentasse n'aquelles assentos dos *Carmônas*, apoiado por eles, ficava livre da justiça.

Eis aqui talvez a razão porque aquella praça se chamava do *Apoio*.

Nada mais diz sobre o largo do *Poyo* ou *Apoio* como ainda hoje lhe chamam.

RECORDANDO O PASSADO

Ano de 1903

Em janeiro d'este ano fez-se a abertura e construção d'uma porta, em arco na fachada principal da igreja de Nossa Senhora do Terço, custando este trabalho 84.000 reis.

Em Fevereiro foram colocados no adro da igreja dos Terceiros, no Campo da Feira (hoje demolida), trez portões de ferro, pensando o definitório assentar um gradil para completa vedação.

Em Março foi superiormente aprovado o projecto da restauração do Paço dos Condes de Barcelos, para instalação de um muzeu e biblioteca municipal.

Em Agosto a Camara publica a arrematação da reconstrução das ruínas do palácio dos Condes de Barcelos com a base de licitação de 3:355\$520 reis.

Efectuada a arrematação a 29 d'este foi adjudicada a obra ao empreiteiro António de Miranda pela importancia de 2:850\$60 reis

Em 16 e 17 de Setembro realisaram-se n'este conselho, no moutado do Penedo do Ladrão, (lado norte) as manobras do Outono, tendo sido passada a revista ao corpo do exercito que tomou parte n'estes exercicios, S.ª M. El-Rei D. Carlos, cuja formatura teve lugar no planalto de S. Gonçalo.

Em Setembro mudou a estação telegrapho-postal d'esta vila, da rua D. António Barroso (casa de Joaquim d'Araujo—(Tomaz)—) para a rua da Nogueira—(casa do próprio chefe Pires Lavado).

Em Novembro, o Dom Prior Amorim Pereira Leite mandou soalhar, pela primeira vez, a igreja Matriz cujos trabalhos foram adjudicados ao mestre-Carpinteiro Manuel Rodrigues da Cruz Lima, d'esta vila.

Ano de 1904

No domingo 20 de Março foi inaugurado n'esta cidade o « *Circulo Operario de Barcellos*, » por iniciativa do P.º Bonifacio Lamela.

Por sessão Camarária de 23 de Julho foi criada uma Escola Municipal tendo-lhe sido dado alojamento na sala do edificio dos Paços do Carvalho voltada á rua Infante D. Henrique, bem como o respectivo mobiliário.

O corpo docente d'esta escola era composto por cavalheiros d'esta vila, tendo sido nomeado director o Sr. Antonio Martins de Souza Lima.

A Camara resolveu tambem pedir ao governo que elevasse esta escola a liceu municipal.

Ano de 1905

Em 16 de Janeiro faleceu em Farmilhão, proximo de Vizeu, minado pela tuberculose, o ex-capitão António do Amaral Leitão, implicado na revolta de 31 de Janeiro de 1891.

Por decreto de 27 de maio foi agraciado com o titulo de Visconde da Franqueira o Sr. Carlos Alberto Machado Pais d'Araujo Felgueiras Garjo.

Em junho foi agraciado com a Comenda de N.ª S.ª da Conceição de Vila Viçosa o Snr. Manuel Joaquim Coelho Gonçalves.

Por decreto tambem d'este mesmo mez, foi agraciado com o titulo de Conde Azevedo, o Snr. Pedro Barbosa Bourbon Faleão e Meneses.

Fra Casil



O Evangelho

«Guardai-vos dos falsos profetas — disse Jesus a seus discípulos — que de vós se aproximam com o vestido de ovelhas e que por dentro são lobos vorazes; pelos seus frutos os conhecereis; porventura os homens colhem uvas dos espinhos, ou figos dos abrolhos? Assim, toda a árvore boa dá bons frutos, e a má árvore dá maus frutos. Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar bons frutos. Toda a árvore que não dá bom fruto será cortada e deixada ao lume.

Assim, pois, pelos frutos deles os conhecereis. Nem todo o que me diz «Senhor, Senhor», entrará no reino dos Céus, mas sim o que faz a vontade de meu Pai; este entrará no reino dos Céus».

Os falsos amigos

Guardai-vos dos falsos profetas que de vós se aproximam com o vestido de ovelhas e que por dentro são lobos vorazes.

Numa das práticas anteriores falávamos da virtude sólida ou verdadeira e da ôca ou falsa; e indicávamos, cristãos, a maneira de distinguir uma da outra, para não cairmos no engano de tomar o aparente pelo real e verdadeiro.

Hoje dá-nos Jesus Cristo no Evangelho uma lição parecida a respeito dos amigos e mestres, que o Senhor chama profetas, começando por dizer-nos: *Guardai-vos dos falsos profetas que de vós se aproximam com o vestido de ovelhas e que por dentro são lobos vorazes.*

E' como se dissesse: «Não vos previno que vos guardeis dos inimigos descobertos, pois ninguém há de são juízo que se mête na boca do lobo conscientemente; mas aviso-vos contra os lobos encobertos, que se apresentam como amigos para vos devorar impunemente. Conhecei-os pelas suas obras ou frutos, como as árvores boas e más».

São precisas estas advertências, especialmente nos nossos dias em que tanto se multiplica a sedução e o engano; por isso, vou desenvolver nesta breve prática tão importantes avisos de Jesus Cristo, afirmando que nos devemos prevenir contra os falsos amigos, por causa dos funestos resultados que produzem.

E' sempre de agradecer um aviso que previne o mal, ainda mais do que o seu remédio; mais vale experimentar na cabeça alheia do que na própria. Por esta razão, embora nos diga Jesus Cristo no Evangelho de hoje que distinguiremos os falsos amigos pelos seus frutos ou resultados, não quero todavia que nos submetamos à prova para experimentar estas conseqüências, mas que as estudemos nêles mesmos ou nos outros, e nos prevenamos contra o que fatalmente nos aconteceria se nos surpreendessem o falso amigo.

Vamos vêr primeiro de que amigos se trata, e a seguir examinaremos os perniciosos resultados a que nos exporíamos.

I.—Entendo por amigos falsos não só as pessoas que tratam expressamente de nos enganar com o pretexto de amizade, mas ainda os que vêem sem esse propósito, mas que na realidade podem prejudicar-nos por si mesmos ou por suas produções literárias, sob a capa de instrução ou beneficência. Pode reduzir-se tudo a três grupos: companheiros, publicações, associações.

1.—Companheiros

São falsos amigos os companheiros que, convivendo convosco ou ligados por negócios, soltam palavras indecorosas ou contrárias à

religião, freqüentam diversas perigosas e casas de jogo, murmuram de tudo, exageram os defeitos alheios, caluniam, mostram-se pouco escrupulosos em seus negócios, e procuram arrastar-vos para o caminho deles. Ah! a quantos perdem os maus companheiros! Frequentemente se vêem rapazes, primeiro inocentes, dóceis e submissos a seus bons pais; e pouco depois díscolos, rebeldes e imorais, só por terem deparado com um mau companheiro que ao princípio se julgava bom. Já o dizia S. Paulo: *Não vos deixeis seduzir; as más conversações corrompem os bons costumes* (I Cor., XV, 33).

2.—Livros

Mas, além da conversação por palavras, se prestam com freqüência à sedução as leituras, ou conversações por escrito. E que dilúvio formidável de impressos e manuscritos envenenados envolve o mundo! Novelas indecorosas, discursos heréticos e ímpios, revistas imorais, periódicos irreligiosos semeados de erros e mentiras, tôlhas pornográficas, e... que sei eu! quantas produções da pobre razão humana, debaixo da capa de informação, ilustração e bom gosto pervertem as almas e seduzem os incautos!

E' isto o que reina hoje no mundanismo, em vez dos estudos sérios e leituras piedosas conforme predisse o mesmo Apóstolo S. Paulo: *Fecharão os ouvidos á verdade, e os aplicarão ás fábulas* (II Tim., IV, 4). E' bem certo: assim como não há melhor amigo que um bom livro, assim também não o há mais pérfido como o mau livro, que até chega a desnorrear criaturas tidas por muito sensatas.

3.—Associações.

Hoje, que tão desenvolvido está o espírito de agremiação ou associação, há perigo de encontrar em alguma delas um falso amigo, pois com capa de socorro e protecção se encobre a miúdo o lobo voraz de que nos fala o Evangelho. E se há perigo num companheiro, quanto mais o haverá num conjunto deles organizados para o mal?

Por este motivo é que sábiamente prescreveu o Papa Leão XIII que na primeira Comunhão dos meninos se lhes exigisse promessa formal de não entrar nunca em associações secretas condenadas pela Igreja, como é a maçonaria. E' do Senhor que nos vem este aviso na Sagrada Escritura: *Meu filho, se os pecadores te atraírem com os seus afagos, não condescendas com eles* (Prov., I, 10), e *afasta-te das tendas desses homens ímpios* (Num., XVI, 26).

II.—O que acabamos de dizer é suficiente para conhecer os frutos venenosos que produzem os falsos amigos; contudo, convém insistir mais neste assunto, vendo os resultados que produzem semelhantes amizades, para que tenhamos cautela antes de as contrair. São três as aludidas conseqüências.

1.—Sedução segura.

Pelo facto de te encobrirem com aparente amizade, não se guarda bastante uma pessoa, e os falsos amigos se vão insinuando pouco a pouco no coração até o perverter. E' isto o que S. Paulo advertia, escrevendo aos primitivos fiéis de Corinto: *Temo que, assim como a serpente seduziu Eva, assim sejam corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo* (II Cor., XI, 3). Se viessem com o rosto descoberto não ofereceriam tanto perigo; mas quando se não espera o laço, cai-se mais facilmente nêle...

2.—Escravidão tirânica.

Uma vez presos nas redes do falso amigo, é difficilimo saír delas; ameaça-o a intimidação, e o respeito humano e o interesse terreno conjuram-se para tyrannizar o espírito do incauto que se deixou prender como um passarinho. *O cordel triplicado difficiliosamente se quebra* (Eccles., IV, 12).

3.—Desesperação horrível.

Mas o amigo falso é inconstante, e depressa se converte em inimigo, como no-lo adver-

te a Sagrada Escritura (Eccli., VIII, 9), e então o infeliz que se deixou enganar encontra-se perdido. Desprovido dos auxílios do céu e da terra cairá na desesperação mais horrível, se a fé não vier em seu auxílio e não procurar os Sacramentos. Tal é a história de muitos cristãos que não sabem aproveitar-se dos ensinamentos que nos dá hoje o Evangelho.

Cristãos: Verdadeiramente, como nos diz Jesus Cristo no Evangelho, *não se colhem uvas dos espinhos, nem figos dos abrolhos, pois a árvore má não pode dar frutos bons*. Árvores más são os falsos amigos, os companheiros enganadores, os livros e jornais anti-religiosos e obscenos, as sociedades secretas. Fugi de tais amigos, porque vos seduzirão, escravizando-vos, e serão por fim a vossa desesperação e ruína. E concluamos com o Evangelho: *Nem todo aquele que diz Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas sim o que faz a vontade de meu Pai celestial* (Mat., VII, 21).

ERRATAS.—Na homilia ao Evangelho do n.º 28 de *A Cruzada* julgamos dever apontar as seguintes incorrecções. Na 1.ª coluna, linha 44, saiu *nos levnsse a procurá-la*, quando escrevemos *nos levam a procurá-la*. Na mesma coluna, linha 50, está *necessidade que tem*; leia-se *necessidade que temos*. Na mesma coluna, linha 58, está *e esse espirito*; corrija-se para *e em espirito*. Ainda na mesma coluna, linha 61, está *podem contratar se*; leia-se *podem contentar se*. Na 2.ª coluna, linha 33, compuzeram *que não convinha*, quando escrevemos *quem não caminha*. Outras *gráhas* saíram, mas são de fácil correccção. *Aliquando dormitat accurata revisio...*

Calendário da Semana

JULHO

- 23 Domingo. S. Apolinário, Bispo, M.
- 24 Segunda. St.ª Cristina, Virgem, M.
- 25 Terça. S. Tiago, Apóstolo.
- 26 Quarta. St.ª Ana, Mãe de N. Senhora.
- 27 Quinta. B. Rodolio Aquaviva e Cp. Mm.
- 28 Sexta. SS. Nazário e Cp. Mártires.
- 29 Sábado. St.ª Marta, Virgem.

Noticias curiosas em poucas linhas

Primeira: — Na França a indústria da sêda está em decadência, pois que a produção total em casulos frescos parece ser de 980 712.985 gramas a menos do que nos anos precedentes.

Segunda: — Perto de Buenos Aires fundou-se uma espécie de cidade, com o nome de *Desocupacion* (Desemprego) onde habitam umas 600 famílias de desempregados de várias nacionalidades.

Terceira: — Na Inglaterra, em 1928, ainda havia uns 602 individuos com mais 50.000 libras de rendimento anual; e, seis annos mais tarde (1932), já só havia uns 523, com tendência a diminuir ainda mais.

Quarta: — Na Espanha, ha mais de 29 milhões de amendoeiras, cujos frutos renderam no ano passado o melhor de 102 milhões de pesetas.

Quinta: — Nos Estados Unidos, o número de pessoas, maiores de 10 annos, que não sabem ler nem escrever é aproximadamente de 4.283.753.

Sexta: — Em Chicago, inaugurou-se uma igreja destinada exclusivamente aos surdos-mudos, sem órgão nem cânticos: e diz se que também houve lá a ideia de fundar um seminário para a ordenação de sacerdotes surdos-mudos...

VARIEDADES

A UM CORTEJO FÚNEBRE

Eis tudo quanto resta ao triste, que adormece
n'um sonho derradeiro e cheio de mistério...
as táboas dum caixão, uns crepes uma prece
e alguns palmos de terra aí n'um cemitério.

Sonha-se a vida inteira e logo um dia é vindo,
em que um sopro de gelo apaga a luz. No peito
aqueda o coração... e fica-se dormindo...
Feliz o que adormece abençoando o leito.

Feliz o que sentiu pousar-lhe face a face
o espectro, que lhe traz a quietação do sono,
se um sonho não sonhou, que a dor não embalasse
feliz o que não chega ao declinar do outono.

Era um homem aquilo, essa matéria inerte!
E o sino marca ao longe a marcha do salmento,
sem que ele ouça, que sinta, ao menos que desperte
ao mastigar-lhe o rosto o verme lento e lento.

Que ao longe brade o bronze o lamento dobre...
que o vá roer o verme entre a mortalha esqualida...
nem um sinal de vida ali se lhe descobre!
Não faz senão dormir aquela fronte pálida!

Mas entre as multidões, se acaso há, quem sucumba
à vista desse esquife e de terror desmaia,
a quantos, sabe Deus, se lhes figura a tumba
o barco salvador, que nos conduz à praia?!
Ferdando Caldeira.

Deus sabe se em mar largo às vagas irada entregue
há, quem t'inveja agora o sono descansado,
a cova, que lá tens o óvido, que te segue
entre essas pás de terra amontoada ao lado.

Ferdando Caldeira.

Um conselho por semana

CONSERVAÇÃO DO LEITE

Durante a estação calmosa pode conservar-se o leite por muitos dias, deitando em cada litro uma grama d'ácido bórico. A presença deste ácido não pode de modo algum ser prejudicial ao leite nem nociva à saúde.

NOTA ALEGRE

Calino passa junto da Ponte dos vapores,
e vê um cego a pedir esmola.

Pára um instante, muito impressionado, e diz para o amigo que o acompanha, mostrando-lhe o cego:

— E pensar a gente que este desgraçado não tem senão os olhos para ganhar a vida!...

A esposa dum chefe de estação do Caminho de ferro, falando da mulher dum empregado subalterno, córada de fresco:

— Não é de todo feia, mas acho-a tão vagarosa, tão lesma...

Parece mesmo um comboio de mercadorias!

Secção charadística

CHARADAS EM VERSO

Não sei que encantos tem a Morgadinha,
Que o filho do Barão, em hora azada,
Valendo-se da foiga que lhe é dada,—2
Com ela a tarde passa até noitinha.

Não sei que encantos tem nem se adivinha,
Que feia como um bode e malcriada;
Um tipo de seirão, malamanhada,
E o *prenas* tanto tempo na Redinha.—2

O pai, já me contou há quinze dias,
Que pensa lhe fizesse bruxarias,
Que são ao rapaz causa de atazão.

Mas, caro pagará, disse, o brinquedo,
Pois que, se em paz não deixa seu Alfredo,
Não dou à sua vida longo prazo.

Lebricho

EM FRASE

Consta que em breve, o Dr. Leonardo, prega no Minho, onde já é conhecido como grande propagandista da doutrina de Deus. 4-2

H. Ralo

As senhoras da ilha da Madeira, apreciam muito estas frutas. 2—1

Sou de opinião que a mulher só se endireita com muita pancada. 2—2

L. Heitor.

SINCOPADAS (por sílabas)

3—Dá provas de bom 'studante,
Bem o tempo aproveitou,
Pois mostra se *bem falante*,
Pela frase que empregou. 2

Miss Iva.

3—Rapariga tagarela,
Leviana também sendo;
Faz uso de ruim farpela
Com remendo e mais remendo. 2

H. Reis.

(por letras)

5—E' rial e significativa da velh'ice, a ruga no rosto de qualquer criatura. 4

5—A moeda atual não se compara com a moeda de outros tempos. 4

Lebricho

BIFORMES

Não é vulgar a *enxó*
E o nome seu pequeno,
Me diz a minha avó,
Ser quasi que *obsceno*

Madre Helena.

Eis um invento que revela engenho. 4

H. Rios.

ELÉCTRICA (por letras)

E' muito justo, meu tio,
Que concluida a *tarifa*;
Tenha um pouco de *poisio*
Sua sobrinha Josefa. 4

H. Ralo.

AUMENTATIVAS

Torna-se maçador por causa do seu desejo vemente. 3

Fala de *palanque* e com toda a *pompa*. 3.

H. Pita.

ENIGMAS

Quer primeira com segunda,
Quer seja com a terceira;
O leitor não se confunda
Se n'isto vir só *poeira*.

H. Ralo.

O nome da *mulher* minha
Com seis letras ora o escrevo;
Tire-lho seis, fica uma
A garanti-lo me atrevo.

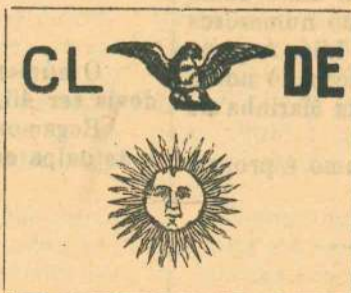
P. Q. Nino.

DIGRESSÃO GEOGRÁFICA

Na digressão que ora faço
De Lisboa até Ovar,
Nesta cidade não passo,
Nem de tal se há-de gabar.

Miss Iva.

ENIGMA TIPOGRAFICO



Lebricho.

As decifrações dos trabalhos publicados no número 28, são: Atabalho adamente, Dispensário, Agapita, Leonardo, Anágoa, Tantito-tanto, Párocho-pacho, Paruma-Parma, Conversa-Converso, Minhoca-Minhocão, Algazella-gazella-algazel, Mirandela e Reprzadores.

Lebricho

Não há estradas nem escolas, mas há foguetório e festança rija

Do nosso colega «A voz» transcrevemos esta interessante carta:

Agora que acabei de ler o magnífico artigo que V. publicou em fundo de *A voz*, de 2 de Outubro corrente—um grito altivo da alma magnanima de V. em favor de todas as desgraçadas aldeias de Portugal, e em caminhos que se liguem,—já não digo às igrejas paroquiais, mas á séde do Concelho, sem uma escola aonde umas dezenas de oriaças aprendam pelo menos o A. B. C., sem coisa nenhuma, em suma, que torne mais alegre o espirito daqueles que o destino (não digo cruel) obrigou a arrotar ou a mandar arrotar os campos, ouço ironia da nossa propria sorte) vindo do lado da séde do Concelho, o som estridulo—capaz de ser ouvido por um surdo,—de morteiros e foguetes.

—O que ha?...—preguntei eu para os meus jornaleiros, que empoleirados nas escadas vão cortando os cachos quasi apodrecidos desta vindima de 1932.

—E' o 5 de Outubro, senhor. Os seis guardas republicanos e o cabo, cá do concelho, todos os anos costumam festejar este dia e, para isso andam de porta em porta pedindo dinheiro. Este ano meteu se lhes na cabeça que a festa devia ser rija e vai daí arranjaram com a Câmara 300 escudos.

—E com os particulares?

—Muito mais, muito mais!...

—Mas, que diabo, todos se queixam que não há dinheiro!...

—E' verdade, meu senhor, é verdade; não ha dinheiro nem trabalho nem nada, mas ha festas com morteiros e foguetes e duas bandas de musica.

—Bravo, viva o luxo. Mas se o povo é republicano deve estar contente.

—Qual republicano nem qual carapuça. O que nós queremos todos é que Deus, Nosso Senhor, nos livre das mãos dos guardas...

—!...

Verba

Duma aldeia sem caminhos

Só falta acrescentar que esta aldeia fica, por força, situada num concelho aqui vizinho, onde metade pelo menos das freguesias não têm escolas nem caminhos.

E trata-se dum concelho visitado todos os anos por milhares de pessoas do país e do estrangeiro.

Prognósticos e conselhos do nosso povo

Altas ou baixas em abril veem as Páscoas.
—Abril águas mil, coadas por um mandil,
quantas puderem vir.

—Abril frio e molhado enche o celeiro e farta o gado.

—Uma água de maio e três de abril valem por mil.

—Entre abril e maio moenda para todo o ano.

—Em abril porcos ao covil.

—Em abril vai a velha onde quer ir a casa vem dormir.

—Sono de abril, deixa-o a teu filho dormir.

—Enxame de abril cair, para o verão há de servir.

—Abril espigas mil.

—Abril ou o cuco é morto, ou não quer vir.

—Sardinha em abril dá-a a quem ta pedir; em maio bebe-lhe os caldos; e pelo S. João pinga no pão.

BOCADINHOS INTERESSANTES

D. João Affonso Tello de Menezes e Albuquerque

(Transcrição)

Foi o primeiro conde de Barcelos, título creado por el-rei D. Diniz em 8 de maio de 1298.

Até então havia condes, mas sem título particular de terra alguma.

Juntaram ao seu nome este título.

Era castelhano e passou a Portugal em companhia de D. Isabel de Aragão (rainha Santa Isabel) quando esta casou com o referido monarcha em fevereiro de 1282. D. Diniz fel-o também seu mordomo-mor.

Foi casado primeiramente com D. Tereza Sanches, filha de D. Sancho III, rei de Castela, de quem não houve geração, e em segundas nupcias com D. Maria Coronel, de que teve a D. Violanta Sanches, que casou com D. Martim Gil Sousa, depois segundo conde de Barcelos, e a D. Tereza Martins, que casou com D. Afonso Sanches, filho bastardo d'El-Rei D. Diniz e que foram fundadores do mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde.

Segue-se o testamento de D. João Afonso Tello de Menezes e Albuquerque, 1.º conde de Barcelos:

«Em nome de Deos amen. Eu o Conde Dom Joon Affonso, temente minha morte, pero com todo meu ciso et meu corpo sotterrar em o Mosteyro de Pombeyro, E perque eu fiz muytas malfeitorias, et em muytos logares o que non podia dar recado, nem fazer dellas emenda assi como devia, mando que todolos dinheiros, e todalas cousas moveis, que eu ei, também os dinheiros que sabe o Mestre do Templo, et Gomes Paes, et Egas Lourenço, como os dinheiros que estom em Albuquerque para lavaar esta villa, que tragou todo a El-Rey meu Senhor, e peço-lhe por mercê e pela finsa que eu em el-rei, que faça todo o dar pér Deos, que non fique onde nada, per aquelles a que el era tendo. E se el achar que eu trazia vinhas, ou casaes, ou herdades dalguem, como nom devia, peço lhe per mercê que lhas faça entregar a seus donos, assim como vir que direito será. Outro si mando a Gomes Paes, que dê o Castelo d'Albuquerque que de mi tem, a meu Senhor El Rei.

E vós, Senhor, deveades a saber que o feyto d'Albuquerque passos sempre em guisa que o ouverom os filhos mayores. E peço a vós, Senhor, per mercê que o entreguedes a Tereja Martins, minha filha e vossa criada.

E, Senhor, bem sabe Deos, e vós, quesobre a minha fazenda nom ei outrem se nom vós. E por finsa que em vó avia deill xo todo em vós. E per vós foste deste mais certo, mandel eu fazer esta minha carta aberta, et sellada com o meusello nas costas, estando alcante Frey Estevom Martins, meu confessor, et Frey Martins Escola, da Ordem dos Pregadores et Egas Lourenço, meu clerigo.

Feyta em Lisboa cinco dias andados de mayo. Era de mi. e tresentos et quarenta e dous annos. (1301 de Jesus Cristo)

(Continua.)

Festa do SS. Sacramento em Carvalho

Com grande selenidade, efectuar-se há no dia 28 a festa anual da Confraria do SS. Sacramento, de que é digno tesoureiro o no-so presado amigo João Gonçalves de Figueiredo.

Constará de missa solene às 10 horas do referido dia e duma procissão às 5 horas da tarde, na qual se incorporarão numerosos anjinhos, e de sermão confiado ao digno abade de Lijó. A parte musical está confiada à banda de Barcelos, e a armação ao nosso presado amigo, António Cruz, da freguesia de Santa Marinha de Rio Tinto (Espozende).

Folgamos porque tudo cõrra na melhor ordem, como é proprio duma Festa verdadeiramente cristã. — C.

Pela Franqueira

Nunca arrefece o entusiasmo dos verdadeiros crentes e devotos de N.ª S.ª da Franqueira. Assim vimos no dia 9 subirem cerca de 40 carros de bois, artisticamente engalanados, ao cimo da ermida, conduzindo saibro necessá io para o aformoseamento daquelle local.

Carvalho queira ou à paesagem na fieguesia dos referidos carros, que saíram de Barcelos às 8 horas da manha, bastante fogo, em

sinal de regosijo, o mesmo sucedendo na Franqueira, quando attingiram a ermida.

A digna Comissão da Senhora da Franqueira, ofereceu um almoço aos lavradores na Casa Hotel, da Confraria em que tomaram parte cerca de 200 convivas.

Em nome da Comissão e no final de tudo, o snr. Domingos Ferreira Vale agradeceu, e pediu a todos que auxiliassem as obras de Nossa Senhora da Franqueira, onde muito se tem feito em pouco tempo, é verdade, mas muito mais ha a fazer.

Para estimolo, é justo dizer-se que o almoço oferecido aos lavradores que conduziram o saibro para a Franqueira foi producto duma quête para esse fim realizada, não com dinheiro da Confraria: os marchantes da cidade, ofereceram 42 Kilog. de carne, as mercearias deram arroz, batatas e azeite.

Vinho e pão foi oferecido pelos lavradores de Carvalho: o snr. António Joaquim Gonçalves, 3 almudes de vinho; Agostinho G. Ferreira, 2 almudes e meio; José de Carvalho Ferreira, 2 almudes; e José António de Carvalho, 1 almude; José Joaquim Gonçalves três alqueires de milho; João António de Carvalho, meio alqueire de cen eic; cezeu gratuitamente o pão o snr. António de Vilas B. a.

O snr. Albino de Jardim deu, também 2 almudes de vinho e o snr. Manuel Francisco Alves, 1 almude (pois não comportava mais a vasilha, que assim ficou atestada).

—Nossa Senhora da Franqueira pague em graças e bençãos a todos estes benfeitores e seus devotos.

A proposito

A transcrição que se segue é do nosso colega «Diário da Manhã» de Lisboa de 16 de Junho findo do que pedimos vénia.

CRONICA DE LISBOA

MANIA DE PORTUGUÊS ...

Em Lisboa todos o conhecem. Traz sempre em mãos um projecto que nunca realiza — que nunca realizará. Hoje um jornal unico, como nunca ninguem fez; amanhã uma obra extraordinária de engenharia que dará glória e cinheiro; ontem nma empresa industrial dum negocio certo em que nunca niaguem falára. E os projectos succedem-se vertiginosos, rápidos, architectados dum para outro instante, mas que logo são postos de parte. As coisas mais mirabolantes, os projectos mais arrojados, as iniciativas mais extraordinárias são estudados, pormono izadamente, e logo postos de parte para dar lugar a outros estudos, a outros projectos, as outras iniciativas, a outras realizações — que também não são realizadas.

Os caros são discutidos, falados largamente às mesas dos cafés e passado o instante de febre tudo volta ao esquecimento, sendo aproveitado o tempo que medeia entre o projecto que se some e o projecto que aparece — para criticar e pôr defeitos áquilo, bom ou mau, que os outros já realizaram.

Todos nós conhecemos duas ou três peassoas assim — que passam a vida alimentando sonhos que são impotentes para realizar, mas criticando e apontando defeitos naquilo que os outros — ás vezes com quantas dificuldades! — conseguem realizar.

D'Artagnan

O de Lisboa ainda aturam um portuguez, mas nós, cá em Barcelos, aturamos um chinez.

O de lá não passa de projectos, mas o de cá mete o nariz em tudo, e no fim gramamos caia chinesice ...

Tenham paciencia.

Rectificação

O número do nosso último jornalinho saiu com o 55, quando devia ser 46.

Rogamos aos nossos presados assinantes a fineza de emendarem e de culparem este lapso.

“Ecos da Franqueira,”

Encontram-se na C.ª Editora do Minho, Barcelos, os recibos, dos assinantes deste Semanário a quem pedimos encarecidamente o obséquio de os procurar, afim de nos evitar as despêsas do correio.